

EDITORIAL DE OUTUBRO/2020

E AGORA JOSÉ? RESISTA, ENFRENTE, EM FRENTE...

Daniel França¹
Érica Fernanda Monteiro²
Fabiolla Falconi Vieira³
Leiri Ratti⁴

O famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, escrito originalmente em 1942, utiliza-se do jargão *E agora José?* para questionar-se sobre as intempéries da vida. A cada estrofe lida, o leitor passa também a indagar-se sobre os rumos da vida e, ao mesmo tempo, comprehende a solidão para a qual *José* está sendo impelido. Ao que parece, conforme lê-se o poema, *José* perde tudo, está sozinho, tenta lutar, mas não pode, quer morrer, mas não morre, vive, sobrevive, e continua a marchar. Para onde marcha *José*? O poema não nos diz!

Ao nos transportarmos para o tempo presente, tempo incerto, tempo de pandemia, nos sentimos como o *José* de Drummond, aquele personagem que vivenciando a sociedade de sua época, encontrava-se mais solitário do que nunca! Somos professoras e professores, sabemos da nossa importância para a sociedade e da esperança depositada em nós para um futuro melhor, mas nos questionamos constantemente sobre o futuro da educação. Não que esse questionamento já não seja antigo, ele de fato o é! Porém, a imprevisibilidade do acontecimento⁵ da pandemia da Covid-19, que exigiu de todos nós situações e práticas antes impensadas, faz com que nos questionemos sobre quais rumos a educação, já tão disputada e relegada a segundo plano, tomará num futuro bem próximo.

A resposta certamente não a temos, tal como o poema não nos dá. Mas, se não é possível chegar a respostas prontas e fechadas, nos propomos, ao menos, em apresentar algumas reflexões pautadas em nossas atuações enquanto *Josés* (*e Marias...e quem quisermos ser...*), professoras e professores da Educação Básica, que pretendem analisar criticamente esse contexto de mudanças, ocorridas em uma velocidade e formato repentinos, compartilhando (in)certezas nesta nova perspectiva da educação pública catarinense. *E agora José?*⁶

¹ Mestre em Educação - UNIVILLE. Professor de língua Inglesa da rede privada.

² Mestra em Educação- FURB. Professora de Sociologia da Rede Estadual de Santa Catarina.

³ Mestra em Ensino de História - UFSC. Doutoranda do PPGH/UDESC. Professora de História da rede pública Estadual de Santa Catarina. Bolsista FUMDES/UNIEDU.

⁴ Mestra em Educação - UNIVILLE. Assistente Técnico Pedagógico da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.

⁵ DERRIDA, J.; HABERMAS, J. *Le concept du 11 septembre*. Paris: Galilée, 2004.

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *José/ Novos Poemas/ Fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

Se de um lado a aula remota e o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possibilitam cumprir as horas/dias letivos e minimizar as perdas causadas no campo da educação, pelo distanciamento social, por outro, atingir os objetivos pedagógicos não tem sido uma tarefa fácil. Alguns estudantes desfrutam das vantagens que as tecnologias digitais indubitavelmente podem trazer. No entanto, há jovens em condições desfavorecidas que dependem de atividades impressas (por vezes limitadas) por não disporem de computadores, celulares, e/ou acesso à internet, o que exige dos professores um trabalho duplo e até triplo quando há uma gama de especificidades com a qual temos que lidar constantemente no dia-a-dia escolar, com pouca ou nenhuma assistência das instâncias superiores às escolas... *e agora*, o que fazer diante das imensas desigualdades sociais, em que boa parte dos adolescentes não possuem recursos suficientes para desenvolver o ensino remoto?

Ao repensarmos o início dessa jornada remota, facilmente nos vemos como o *José* das estrofes do poema, cuja *luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou!* O decreto saiu, a escola sumiu, fomos para casa e nos isolamos. Era necessário! E logo vieram diretrizes, *lives*, *whatsapp*s, plataformas digitais, infindáveis atividades, planejamentos, planos de aula, professores *on-line*, reuniões, cobranças, exposição, vigília constante, medos, incertezas... Ficamos perdidos! A utopia da tecnologia que salvaria a educação não veio, *e tudo acabou, e tudo fugiu*.

Nesse contexto, a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina- SED/SC passou a ofertar, por meio de *lives*, cursos emergenciais para os professores. Entretanto, depois de um primeiro período, tais ‘formações’ passaram a ocorrer concomitantemente aos períodos de aulas. Sendo assim, restou aos docentes procurar, por conta própria, maneiras de aprender e/ou assistir às formações ofertadas pela SED em seus períodos de descanso ou planejamento. Ah, professor, *e se gritasse, cansasse, dormisse?*

Somado às aulas, regularmente planejadas para os três⁷ ‘públicos’, os educadores ainda devem postar seus planejamentos semanais/quinzenais no sistema *Professor on-line* e descrever a sistematização das aulas, o que aumenta a burocracia do labor docente e diminui o espaço para o planejamento pedagógico em detrimento do controle da secretaria de educação, que por meio do sistema vigia o trabalho docente e adverte quem não obedece a essas regras. *José, e agora?*

⁷ Nos referimos aos estudantes que possuem internet e podem acessar a plataforma Google Classroom, os estudantes que buscam as atividades impressas na escola e os estudantes que precisam de atividades adaptadas.

A pandemia deflagra uma realidade há muito em curso em nosso país: o excesso de tarefas burocráticas, a precarização das condições de trabalho, a má qualidade de infraestrutura das escolas, as relações conflitantes com familiares de alunos, a baixa remuneração, fatores que têm tornado a docência cada vez mais uma atividade profissional estressante, provocando uma queda substancial na qualidade de vida dos professores (REIS; ARAÚJO; CARVALHO et al., 2006⁸), o que resulta em uma média de vinte e cinco pedidos de afastamentos por dia letivo, na rede pública estadual de Santa Catarina⁹. A intensificação da burocratização torna-se impedimento para a autonomia docente, o que impossibilita adequar a prática às singularidades do contexto educacional. Os professores permanecem *sozinhos no escuro*.

Em face de todas essas fragilidades, devemos reconhecer que a construção de uma Educação de qualidade e verdadeiramente democrática passa pela valorização do trabalho dos professores e da reinvenção das suas práticas. É preciso deixar de normalizar que o trabalho docente consuma a saúde mental, o tempo de descanso e que exija dos profissionais da educação o custeio dos recursos para as aulas remotas e a responsabilidade pelo uso das tecnologias digitais na educação, como se isso fosse o suficiente para garantir aprendizagens. Uma formação humana integral passa pelo reconhecimento dos sujeitos em suas especificidades, suas diversidades, e isso requer pensar também no uso que se faz dessas tecnologias. Cabe problematizar a experiência do ensino remoto em relação à função social que a escola possui, o que pressupõe o acesso ao esporte, à saúde, à cultura, a diálogos e não somente a conteúdos prescritos que pouco contribuem para a constituição da autonomia/emancipação dos estudantes.

Mesmo sem saber exatamente para onde, diferente do *José* do poema, que marchava sem saber para onde, professores lutam e vencem pequenas batalhas diárias que a educação lhes impõe. *E agora José?* Resista, enfrente, em frente...

⁸ REIS, Eduardo J. F. B. dos; ARAÚJO Tânia M. de; CARVALHO, Fernando M. et al. Docência e exaustão emocional. *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol.27, n.94, pp.229-253. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000100011&script=sci_abstract&tlang=pt. Acesso em: jul. 2020.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/10/22/sc-tem-media-de-25-pedidos-de-afastamento-de-professores-por-dia-letivo-na-rede-estadual.ghml>